

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOMINALIZAÇÃO EM PORTUGUÊS

CARLOS ALBERTO FARACO

Este estudo é uma apresentação de alguns problemas envolvidos na descrição gramatical de frases nominais da língua portuguesa ditas **nominalizadas**. Faço uma seleção de dados empíricos e, com base nestes, uma discussão de modelos descritivos gerativo-transformacionais. A não ser em breves referências, não entro ainda (o que deixo para outro estudo) na abordagem lexicalista dos mesmos fenômenos.

Interessam-me neste estudo aqueles fenômenos que na lingüística contemporânea se convencionou reunir sob o título de **Nominalização**. Dentre as muitas estruturas envolvidas sob este título, selecionei — para efeitos deste estudo — dois tipos, exemplificados em (1) e (2)¹:

(1) **A vinda dos meninos** (atrapalhou nossos planos)

(2) **A destruição da cidade pelos inimigos** (atrapalhou nossos planos) e que podem ser assim caracterizadas²:

(3) (a) e'les têm a configuração superficial

(1') Art. — N — de+FN

(2') Art. — N — de+FN — por+FN;

(b) o item lexical que substitui N é relacionado com um verbo (digamos que ele é a contraparte nominal dum verbo). Desse modo, **vinda** em (1) e **destruição** em (2) estão em relação com os verbos **vir** e **destruir**, respectivamente³;

(c) a sentença e a frase nominal, contendo respectivamente verbo e nominal aparentados, também se relacionam entre si pelo fato de as mesmas relações que se instauram

entre o verbo e os demais constituintes duma sentença poderem se instaurar entre o nominal e os demais constituintes duma FN. Nestes termos, (4) se relaciona com

(1), como (5) com (2):

(4) Os meninos vieram

(1) A vinda dos meninos

(5) Os inimigos destruíram a cidade

(2) A destruição da cidade pelos inimigos

Tanto assim é que se pode definir uma mesma relação (digamos, **agente/ação**) entre **cs meninos** e **vieram** em (4) e entre **os meninos** e **vinda** em (1), bem como entre **os inimigos** e **destruíram** em (5) e **os inimigos** e **destruição** em (2). Do mesmo modo, entre **destruição** e **a cidade** em (5) pode-se definir uma relação (digamos, **ação/paciente**) a qual também ocorre entre **destruição** e **a cidade** em (2). Esta similitude em termos de relações é bastante interessante e nos permite espetacular não só quanto à estrutura interna da sentença e da frase nominal, como quanto às relações entre elas.

Desta caracterização — posta em termos bastante gerais — é possível destacar três espécies de relação:

(6) (a) entre itens lexicais:

vir — vinda

(b) entre constituintes duma estrutura:

— na frase nominal

os meninos — vinda

> (agente/ação)

os inimigos — destruição

destruição — cidade

(ação/paciente)

— na sentença

os meninos — vieram

> (agente/ação)

os inimigos — destruíram

destruíram — a cidade

(ação/paciente)

(c) entre estruturas (S e FN)

os meninos vieram — a vinda dos meninos

os inimigos destruíram a cidade — a destruição da cidade

O que temos resumido em (6) é — na verdade — um **complexo de relações**, na medida em que a explicação de uma das espécies determina (ou é determinada pela) explicação que se oferecer para as demais: pode-se formular tanto uma hipótese na qual a relação entre as estruturas (6.c) é que explica (6.a); quanto uma em que é a relação entre os itens lexicais (6.a) que explica (6.b) e (6.c). De qualquer modo, só será de valor lingüisticamente a análise de 1) e (2) que der conta, com simplicidade e generalidade, das três espécies de relação em pauta.

Este **complexo de relações** — levantado a partir de uma reflexão informal em torno de estruturas como (1) e (2) — é o núcleo deste trabalho: a discussão se fará sempre na perspectiva das três relações (entre itens lexicais; entre constituintes; entre estruturas).

Estruturas como (1) e (2) constituem, portanto, um problema lingüístico interessante: elas envolvem aspectos cruciais da análise das línguas humanas, desde relações lexicais até a própria organização da gramática.

A consciência dos diversos aspectos deste problema não é nova nos estudos lingüísticos. Com o objetivo de mostrar isto, vou fazer, a seguir, breve referência a alguns destes estudos, antes de entrar no quadro teórico de sustentação deste trabalho.

A relação entre itens lexicais apresentada acima (3.b/6.a) tem sido tratada, tradicionalmente, sob o título de **Morfologia**. Desta se diz que é o estudo da classificação, estrutura e formação das palavras, estando, neste último caso, a **derivação**, apresentada como o processo pelo qual de uma palavra se forma outras, quer mediante o acréscimo de um afixo ao radical (derivação afixal); quer mediante a redução da palavra derivante (derivação regressiva); quer, ainda, mediante a simples mudança de classe gramatical (derivação imprópria) (cf. Cunha, 1970: 42-53). Assim, itens lexicais como **destruir** e **destruição**; **amparar** e **amparo**; **vir** e **vinda** se relacionam, por ser o segundo item de cada par obtido do primeiro por derivação (afixal, regressiva e imprópria, respectivamente). Este processo é tomado como um dos responsáveis pela constituição das chamadas **famílias de palavras** (cf. Cunha, op. cit.: 42).

Passando, agora, para as relações entre constituintes da FN (cf. 6.b), encontramos na gramática tradicional a distinção de duas delas, as quais definiam as funções sintáticas de adjunto adnominal

(AA) e complemento nominal (CN). A gramática tradicional, porém, estava limitada à palavra e à sentença⁴ (cf. Lyons, 1968, cap. 5): à morfologia se reservava o estudo da primeira; e à sintaxe, o estudo da segunda. Havia, portanto, uma única unidade sintática: a sentença. As funções de AA e CN, embora sendo definidas por relações entre constituintes duma mesma FN (cf. Lima, 1972: 210 e 224) — o que vale dizer, relações internas à FN — eram tomadas como funções sintáticas da sentença (CN era um **termo integrante da oração** e AA, um termo acessório. (cf. Lima, op. cit.: 209 e 224). Operando, assim, com um só nível sintático (a sentença), o gramático não tinha condições de destacar outras relações dentro da FN, como — por exemplo — aquela que, em (7), se estabelece entre **na semana passada** e os demais constituintes da FN, relação esta diferente da que se estabelece entre a mesma locução — **na semana passada** — e os outros constituintes em (8):

(7) A organização dos arquivos **na semana passada** facilitou nosso trabalho

(8) A organização dos arquivos facilitou, **na semana passada**, nosso trabalho

Em (7), o elemento sublinhado se relaciona com a **organização dos arquivos**, enquanto em (8), com **facilitou nosso trabalho**. Em qualquer caso, porém, ele seria um adjunto adverbial de tempo da sentença, pela gramática tradicional.

Se a sentença era tida como o único nível sintático, não é de se estranhar o fato de as relações entre estruturas (especificamente para nós, entre FN com nominal de ação e S com o verbo correspondente ao nominal, cf. 6.c) não terem sido tratadas explicitamente. Contudo, são de valor certas intuições reveladas a respeito disto nas gramáticas. E, aqui, vão alguns textos como testemunhas, os quais ousou interpretar, situando-os na linha de problemas que vimos discutindo.

a) "...: 'obediência do aluno'. É claro que, nesta frase, **aluno** pratica a ação de obedecer". (Almeida, 1967, cap. XLVIII)

Em outros termos, **aluno** é **sujeito** da ação expressa em **obediência**, já que num dos conceitos que se dava de sujeito, na gramática tradicional, este é o ser que pratica a ação expressa pelo verbo (cf. Cunha, 1970: 63). Embora **obediência** não seja verbo, está expressando também uma ação. De certa forma, o gramático está percebendo uma relação idêntica entre **aluno-obediência** e **aluno-obedecer**; em última análise, entre FN e S.

- b) Em Torres (1961: 206), uma palavra como **obediência** recebe a qualificação de "... palavra que tem força de verbo".

O gramático parece revelar a apreensão de certa identidade de desempenho do verbo e do nome; provavelmente esta **força** se refere à possibilidade de ambos instaurarem relações análogas com os outros constituintes das respectivas estruturas em que ocorrem.

- c) um outro texto: "a) A invenção de palavras caracteriza o estilo de Guimarães Rosa (... : **palavras** é o objeto, a coisa inventada, o paciente da ação contida no substantivo **invenção** — aqui usada, portanto, transitivamente)" (Lima, 1972: 211).

Outra vez, o que se percebe é uma relação entre **invenção** e **palavras** que é a mesma que se pode estabelecer entre **inventar** e **palavras**. Daí, a preocupação com o conceito de transitividade, a se aplicar tanto a verbos quanto a substantivos (cf. Lima, op. cit.: 210-11).

Neste ponto, é interessante observar que os gramáticos tradicionais em geral justificam as relações que estou apontando entre FN e S (6.c), com base na morfologia, i.e., nas relações de parentesco lexical das palavras envolvidas.

Dito diferentemente, é pelo fato de, por exemplo, **conhecer** e **conhecimento** serem palavras da mesma **família**⁵ e **conhecer** ser um verbo transitivo, que se explica a ocorrência de um constituinte na função de complemento nominal junto a **conhecimento**. Veja-se como confirmação, este trecho de Lima (1972: 211) a respeito dos substantivos que são acompanhados de complemento nominal (em oposição aos que o são de adjunto adnominal):

"... o **substantivo abstrato de ação**, correspondente a verbo da mesma família que exija objeto (direto, ou indireto), ou complemento circunstancial:

inversão **da ordem** (cf. **inverter a ordem** — objeto direto);
obediência **aos pais** (cf. **obedecer aos pais** — objeto indireto);
ida **a Roma** (cf. **ir a Roma** — complemento circunstancial)".

A respeito ainda das relações entre estruturas, é indispensável referir-se à consciência deste problema em Jespersen.

Diante de dados como:

(8) **O doutor chegou**

(9) **Eu vi que o doutor chegou**

(10) Eu vi **o doutor chegar**

(11) Eu vi **a chegada do doutor**

ele diz que a relação entre as duas idéias 'doutor' e 'chegar' é fundamentalmente a mesma nas quatro combinações (cf. Jespersen, 1924: 149). E, adiante (p. 185), numa retomada do assunto, ele destaca a equivalência entre estruturas: "*J'ai vu l'arrivé du docteur est équivalent à J'ai vu le docteur arriver et à J'ai vu que le docteur arrivait, ...*"

A visão de Jespersen é, de certa forma, mais rica que a que vimos na gramática tradicional. Ele supera os limites impostos por um estudo como o desta gramática (baseado em apenas duas unidades: palavras e sentenças), porque ele opera com a noção de dependência, relação que se esboça entre as palavras dum conjunto qualquer (e não apenas daquele conjunto que se designaria por **sentença**). Ele pode, então, apreender um número de "unidades" e inter-relacioná-las — como é o caso da apreensão de relações entre os exemplos (8) a (11).

A classificação das palavras por Jespersen em **ranks**, i.e., grupos de palavras constituídas pelo tipo de relação — palavras definidoras ou palavras definas — que elas podem ter com outras numa combinação qualquer (cf. Jespersen, op. cit.: 119 e seg.); e a possibilidade de elas mudarem de grupo — determinando com isto, um movimento idêntico das outras palavras com elas relacionadas (cf. Jespersen, op. cit.: 186) — revela uma sintaxe muito mais flexível que a tradicional.

Daqui para frente, discutirei as relações entre itens lexicais, entre constituintes duma estrutura, e entre estruturas — levantadas a partir dos exemplos

(1) **A vinda dos meninos** (atrapalhou nossos planos)

(2) **A destruição da cidade pelos inimigos** (atrapalhou nossos planos)

(4) **Os meninos vieram**

(5) **Os inimigos destruíram a cidade**

e sintetizados em (6) acima — assumindo como fundamento a teoria gerativo-transformacional.⁶

Há, na lingüística gerativo-transformacional, duas hipóteses diferentes (H. 1 e H. 2) para dar conta de estruturas como (1) e (2):

H. 1: A estrutura profunda que subjaz a uma FN como (1) e (2) é **idêntica** à que subjaz a uma S como (4) ou (5). A diferença superficial se deve a diferentes processamentos da estrutura profunda pelo subcomponente transformacional.

H. 2: A estrutura profunda que subjaz a uma FN como (1) ou (2) é **diferente** da que subjaz a uma S como (4) ou (5). A semelhança que se percebe entre FN e S se deve — basicamente — ao fato de elas conterem itens relacionados no léxico.

A primeira hipótese é chamada de **transformacionalista** (a base gera uma estrutura profunda com as mesmas características, havendo regras específicas, no subcomponente transformacional, para superficializá-la como FN ou como S); e a segunda de **lexicalista** (o subcomponente transformacional perde aquelas regras de **nominalização**; a base gera estruturas profundas diferentes — uma nominal, outra sentencial — estando os itens lexicais intimamente relacionados no léxico).⁷

Dito de outro modo, a relação entre FN e S — (1) e (4), (2) e (5) — tem explicações diferentes:

- a) para os postuladores da hipótese transformacionalista, as semelhanças se devem ao fato de ambas as estruturas superficiais serem derivadas transformacionalmente duma estrutura profunda com as mesmas características;
- b) para os postuladores da hipótese lexicalista, as semelhanças se devem ao fato de ambas as estruturas superficiais — embora derivadas de estruturas profundas diferentes — conterem itens lexicais aparentados. Deve-se, destacar, também que as estruturas profundas — embora diferentes — têm aspectos em comum. Assim, as semelhanças entre FN e S se explicam, em princípio, pelo parentesco dos itens no léxico, mas também por analogia formal das estruturas profundas que os contêm.

Concluindo: se retornarmos aos três tipos de relações visto em (6): entre itens lexicais (6.a), entre constituintes duma estrutura (6.b), entre estruturas (6.c) — veremos que um transformacionalista dirá que a relação entre S e FN (6.c) se explica por ambas terem idêntica estrutura profunda. Isto também explica as relações entre os constituintes (6.b), já que é no nível da estrutura profunda que elas se definem (cf. Chomsky, 1965: § 2.2.). Dependendo do conjunto de

regras transformacionais que se aplicam (no nosso caso específico, se as regras de nominalização forem escolhidas), poderemos motivar — via subcomponente transformacional — a introdução, na estrutura, de itens lexicais derivados (derivação no sentido da morfologia tradicional) — relação destacada em (6.a). O nominal de ação é, nestes termos, a forma que o verbo toma se a S onde ele está, for nominalizada.

Um lexicalista, ao contrário, dirá que a relação entre S e FN (6.c) se explica porque elas têm itens lexicais que se relacionam no léxico (6.a) por compartilharem certas propriedades quanto às relações que eles podem instaurar com os demais constituintes (6.b) das estruturas em que entram, as quais, embora diferentes, têm propriedades comuns.

A hipótese H. 1 precedeu, no tempo, a H. 2. A partir do modelo de Chomsky (1965) — no qual se dividiu a base num subcomponente categorial e num lexical; e se introduziram os traços sintáticos — criaram-se, segundo Chomsky (1967: 188), condições para a formulação duma hipótese como a lexicalista.

O primeiro texto em que se formula em detalhes uma análise transformacionalista para estruturas como

(1) **A vinda dos meninos** (atrapalhou nossos planos)

(2) **A destruição da cidade pelos inimigos** (atrapalhou nossos planos)

é Lees (1960).

Ele observa que:

a) é possível produzir sempre novos nominais (estruturas como (1) e (2), entre outras⁸); (Lees, op. cit.: XVII);

b) na estrutura de tais nominais, são apreensíveis relações sintáticas encontradas em sentenças (op. cit. XVIII)⁹

Lees, então, conclui que os fatos observados motivam a procura duma formulação mais parcimoniosa da gramática (uma formulação que relacione FN e S), alcançável pela incorporação nesta de regras que convertem estruturas de base (**terminal strings**) em estruturas nominais de várias formas, dando conta, assim, das relações entre as estruturas (op. cit.: XIX).

Lees se propõe a explicitar as regras sintáticas de conversão de estruturas de base em estruturas nominais. Assim, seria de cará-

ter puramente sintático a relação entre estas estruturas: a estrutura nominal de superfície, contendo item lexical derivado, seria obtida de estruturas de base por meio de transformações específicas.

As transformações de nominalização eram, no modelo de **Syntactic Structures** (com o qual opera Lees), **generalizadas**. Estas — diferentemente das singulares que se aplicavam a uma só S — convertiam um par de sentenças numa única sentença, encaixando uma parte ou o todo duma S na outra, ou conjugando-se. Por meio destas transformações se dava conta do fenômeno da recursividade, i.e., da possibilidade de engendramento infinito de estruturas encaixadas ou conjugadas pela reaplicação sucessiva das regras¹⁰.

Tomemos — para exemplificar — a estrutura (1):

(1) **A vinda dos meninos** (atrapalhou nossos planos)

e formulemos uma análise fundamentada na proposta de Lees. Uso o seguinte fragmento de gramática, adaptado a partir de Lees (1960:

41):

$$\begin{aligned} S &\rightarrow FN \ FV \\ FN &\rightarrow Det \ \left\{ \begin{array}{l} Na \\ N \end{array} \right\} \\ FV &\rightarrow Aux \ V \\ Det &\rightarrow (Pré-art) \ Art \\ Aux &\rightarrow T \\ V &\rightarrow \left\{ \begin{array}{l} Vin \ (Maneira) \\ Vtr \ FN \end{array} \right\} \\ T &\rightarrow \left\{ \begin{array}{l} presente \\ passado \end{array} \right\} \\ M &\rightarrow Adj-mente \\ &\dots \end{aligned}$$

OBSERVAÇÕES:

1. O símbolo Na está para **nome abstrato**: é o 'buraco' na estrutura encaixante para receber — via transformação generalizada — a S nominalizada;
2. Adiante no texto, aparece NML (símbolo para **morfema de nominalização**); Y (corresponde ao resto da sentença encaixante); X e Z podem ser nulos.

Em Lees (op. cit.: 67-8), há a regra de transformação generalizada número 7 (GT 7) para dar conta de nominais de ação correspondentes a verbos intransitivos (**vinda** — **vir**). Reproduzo aqui a

regra, adaptando-a para os fatos do português:

(GT 7)

$$\left. \begin{array}{l} (S_1) \quad X - \text{Art} - \text{Na} - Y \\ (S_2) \quad \text{FN} - T - \text{Vin} - (\text{Adj-mente}) - Z \\ (S_3) \quad X - \text{Art} - \text{NML} + \text{Vin} (+ \text{Adj}) + \text{de} + \text{FN} - Z - Y \end{array} \right\} \longrightarrow$$

Explicitando: dadas duas Ss (S_1, S_2) com as descrições estruturais apresentadas acima, obtém-se uma só S (S_3):

I: fazendo mudanças estruturais em S_2 , ou seja:

- a) apagando T;
- b) introduzindo NML junto de Vin;
- c) mudando **Adj-mente** para Adj;
- d) pospondo FN a NML + Vin;
- e) inserindo **de** entre NML + Vin e FN.

II: encaixando S_2 assim transformada em S_1 :

- a) substituindo Na de S_1 pela seqüência NML + Vin (+ Adj) + de + FN;
- b) substituindo NML + Vin pelo nominal derivado;
- c) especificando o artigo.

Tivéssemos, então:

$$(S_1) \quad \text{Art} - \text{Na} - \text{atrapalhou nossos planos}$$

Y

$$(S_2) \quad \begin{array}{cccc} \text{Os meninos} & - & \text{pass} & - & \text{vir} \\ \hline \text{FN} & & T & & \text{Vin} \end{array}$$

obteríamos, por (GT 7),

$$(S_3) \quad \begin{array}{ccccccc} \text{A} & - & \text{vinda dos meninos} & - & \text{atrapalhou nossos planos} \\ \hline \text{Art} & & \text{NML} + \text{Vin} + \text{de} + \text{FN} & & Y \end{array}$$

Vejamos, agora, como uma análise assim formulada daria conta do complexo de relações de (6). Começemos por (6.b) — relação entre os constituintes duma estrutura — e (6.c) — relações entre estruturas.

- (1) **A vinda dos meninos (...)**
- (2) **A destruição da cidade pelos inimigos (...)**

seriam obtidas **transformacionalmente** de estruturas subjacentes sentençiais. FNs como (1) e (2) seriam versões nominais de sentenças (cf. Lees, op. cit.: 54): num determinado nível de análise, a estrutura que subjaz a (1) ou a (2) é idêntica à que subjaz respectivamente a (4) ou (5),

(4) Os meninos vieram

(5) Os inimigos destruíram a cidade.

Sendo idêntica a descrição estrutural num determinado nível e sendo aí o ponto onde se definem as relações entre os constituintes, é possível ao modelo — com uma só estrutura abstrata e com o recurso da regra transformacional — dar conta da identidade de S e FN quanto ao tipo de relações entre seus constituintes (6.b); e dar conta da relação entre S e FN (6.c).

Restaria, então, a relação entre itens lexicais (6.a).

O modelo que estamos considerando, não supõe um nível especificamente morfológico e procura dar conta dos aspectos morfológicos por meio de uma combinação de recursos sintáticos e fonológicos o surgimento dum nominal na estrutura se dá como consequência da aplicação da regra transformacional de nominalização, a qual cria uma subsequência **NML+V** que — segundo Lees (op. cit.: 68) — produzirá mais tarde nominais derivados ("The nominalizing morpheme — NML will later produce derived nominals in **-tion, -ity, ment**, etc.").

Foder-se-ia colocar — como problema relevante — a forma que o nominal vai ter, i.e., a questão de saber como determinamos a escolha dos sufixos.

Digamos que o modelo, neste ponto, peca por omissão: ao tentar suprimir um nível especificamente morfológico, atribuindo à sintaxe e à fonologia as tarefas da morfolgia, ele não foi às últimas consequências desta opção. Embora proponha recursos para relacionar S e FN, ele não os fornece para explicar fatos como

- (12) a) cassar — cassação — *cassamento
b) casar — *casação — casamento
c) ordenar — ordenação — ordenamento
d) ler — leitura

i.e., ele não explicita o "mais tarde" (later) da frase de Lees citada

anteriormente ("The nominalizing morpheme — NML will produce derived nominal in **-tion, -ity, -ment**, etc.")

Parece claro que não basta dizer que **cassação** é produzido como consequência de se aplicar a transformação de nominalização a uma estrutura sentencial subjacente com o verbo **cassar**. É preciso, também, ter recursos para predizer fatos como os que estão em (12), os quais, aparentemente envolvem processos não regulares ou bastante complexos. A questão da derivação morfológica permanece em aberto.

Outro fato interessante é que numa gramática do português, o nominal deve entrar na estrutura ainda no componente sintático: em português, é preciso aplicar a regra de concordância (Nome-Artigo e Nome-Adjetivo); a concordância é um fenômeno sintático e vai depender da forma que assumirá o nominal (**a cassação/ o casamento**); logo, esta forma deve ser especificada nos limites do componente sintático.

Este fato causa um certo transtorno a um modelo que pretenda deixar para a fonologia a especificação da forma do nominal.

Vejamos, agora, como ficaria uma análise transformacionalista de (1) e (2), incorporadas ao modelo as reformulações teóricas propostas por Chomsky (1965).

Neste último texto (cap. 3), argumenta-se a favor do abandono das transformações generalizadas e se atribui às regras de reescritura do subcomponente categorial da base a propriedade de introduzir o símbolo S à direita da flecha, o que permite o reinício da aplicação das regras: a recursividade deixa de ser tarefa do subcomponente transformacional e passa para a base (cf. Chomsky, 1965: 134).

O abandono das transformações generalizadas não invalidou a proposta de Lees no que diz respeito aos seus princípios fundamentais, i.e., à idéia de uma análise transformacionalista de (1) e (2) (obter (1)-(4) e (2)-(5) de idênticas estruturas profundas).

As propostas do presente modelo para dar conta do complexo de relações de (6) — especialmente de (6.b) e (6.c) — são, assim, praticamente as mesmas do modelo anterior: sendo uma S e uma FN — ambas de superfície — relacionadas atribui-se a ambas uma estrutura profunda (EP) idêntica. Neste nível de representação (EP), se definem (e se definem uma só vez para S e FN, já que ambas derivam da mesma EP) as funções dos constituintes, as relações en-

tre eles, bem como as restrições de seleção. O que se tinha de fazer era adaptar a análise de Lees ao novo modelo.

Apesar disto não parece haver nenhum trabalho que tenha explicitado uma tal análise. Fraser (1970) e Newmeyer (1970) usam o modelo para tratar de certos nominais de ação do inglês (**John's driving of the car**), mas não especificamente do tipo que estou abordando neste trabalho, salvo pequena referência em Newmeyer (op. cit.: 413-4), a qual é de pouco auxílio por excessivamente programática. Votre (1974) também não oferece apoio, pois, embora tente formular uma análise transformacionalista dos nomes derivados de base verbal, aceitando — ao que parece — o modelo de Chomsky (1965), não opera com todas as reformulações introduzidas por este último texto; e, seguindo Ruwet (1967) postula a transformação de nominalização como uma transformação **generalizada**, à moda de Lees (1960). Comparemos os dois textos:

- Ruwet (op. cit.: 189): "Consideremos primeiramente o caso mais simples, o dos substantivos formados a partir de verbos intransitivos. A frase /11/ **a chegada de Pedro surpreendeu João** pode ser descrita como produto de uma transformação generalizada que opera sobre as seqüências subjacentes às frases **Pedro chegou** e **Alguna coisa surpreendeu João**".
- Votre (op. cit.: 70): "Na Tnomin, como já vimos, uma oração se converte em um nome ou em um sintagma nominal. Quando estão em jogo duas orações, a Tnomin se formaliza pela operação que encaixa uma versão transformada de uma oração constituinte no lugar de um nome ou de um sintagma nominal na oração.

Ex.: Eu ACREDITAR X

Pedro SOFRER

Eu ACREDITAR no sofrimento de Pedro".

Tentemos formular então, uma análise de

(1) **A vinda dos meninos** (atrapalhou nossos planos)
com base em Chomsky (1965), utilizando o seguinte fragmento de gramática:

(13) S → FN FPred

FN → (Det) N (S)

Det → (Pré-Art) Art (Pós-Art)

N → [\pm Abstrato]

FPred → Aux FV

Aux → T

FV → V (FN)

T → pre
 pass

Art → [\pm def]

(a) — Sendo a estrutura profunda

(14) (VIDE ANEXO 1)

(b) — e as regras:

R.1: Descrição Estrutural (DE)

X — FN — Aux — V — Y

=>

1 2 3 4 5

Mudança Estrutural (ME)

1 \emptyset \emptyset NML+4 de+2 5

Condição: 2 3 4 são subsequências duma S encaixada

As diversas mudanças sintetizadas nesta regra são:

a) inserir NML junto a V¹¹;

b) apagar Aux;

c) pospor FN a NML+V;

d) inserir **de** antes de FN.

R.2: DE: Art — N — NML+V+de+FN Y

1 2 3 4 =>

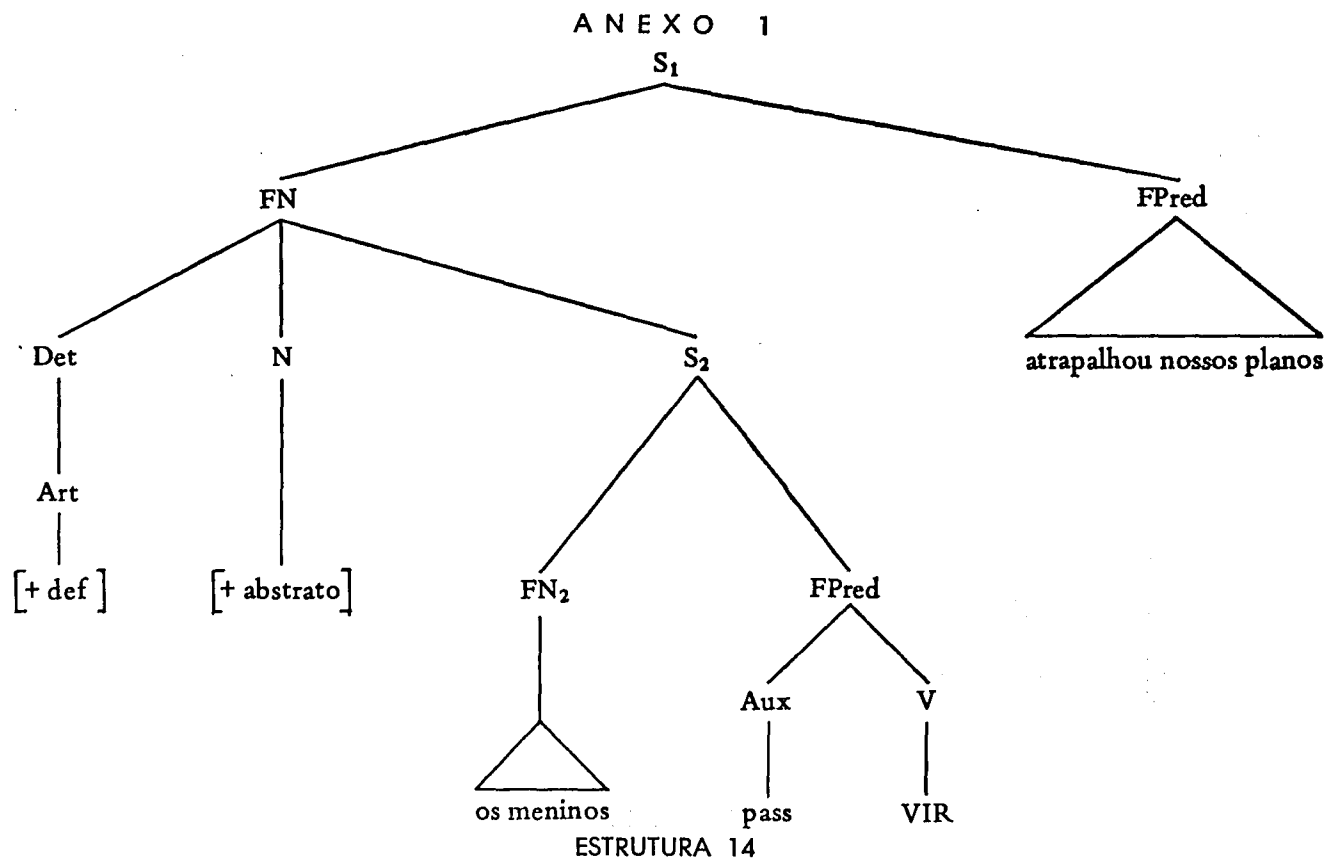
ME. 1 2,3 \emptyset 4

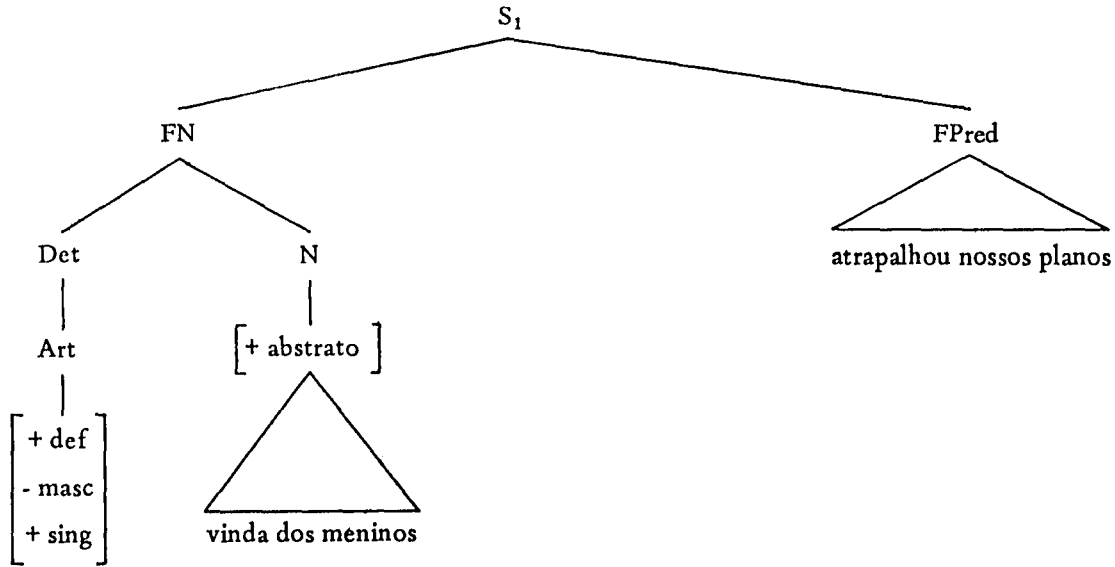
(a vírgula está para **juntar 3 sob 2**)

Cond.: N está desdobrado em +abstrato

(c) obteríamos, então, a estrutura superficial (substituindo **NML+V** pelo nominal correspondente; e fazendo a concordância Nome-Artigo):

(14') (VIDE ANEXO 2)





ESTRUTURA 14'

Em Chomsky (1965), cap. 4, § 2.3.: 184 e seg.), se chama a atenção para os problemas que uma gramática gerativa enfrenta ao tentar dar conta dos processos de derivação, justamente por serem eles, na maior parte, esporádicos ou semiprodutivos.

A tarefa — segundo Chomsky — é mais simples, se for possível mostrar que o processo é regular, como no caso dos nomes derivados de verbos: a regularidade do processo sugere uma solução transformacionalista.¹²

Embora o processo seja regular, os fatos parecem mostrar que a forma do nominal — a forma que substitui **NML+V** — é idiossincrática — conforme se discutiu anteriormente a propósito dos exemplos (12).

Em Chomsky (1965: 184), se aceita o caráter idiossincrático da forma do nominal e se dá, num certo sentido, uma resposta à questão morfológica (a qual tinha ficado em aberto no modelo anterior), atribuindo ao léxico a tarefa de registrá-la sob a entrada do respectivo verbo, já que o léxico — no segundo modelo — é o repositório das propriedades idiossincráticas dos itens lexicais (cf. Chomsky, op. cit.: 86-7; 136; 142).

'Clearly, the words **destruction**, **refusal**, etc. will not be entered in the lexicon as such. Rather, **destroy** and **refuse** will be entered in the lexicon with a feature specification that determines the phonetic form they will assume (by later phonological rules) when they appear in nominalized sentences'.. (Chomsky, op. cit.: 184)

A análise por este segundo modelo continua considerando como irrelevante o estabelecimento dum nível especificamente morfológico: atribuem-se as tarefas da morfologia a uma combinação de processos sintáticos e fonológicos acrescida da informação do léxico.

Observe-se, novamente, que a forma do nominal — numa gramática do português — não pode esperar o componente fonológico para ser especificada, na medida em que dela depende a correta aplicação da regra de concordância (Nome-Artigo; Nome-Adjetivo).

Talvez, a inserção da forma nominalizada do verbo se possa fazer por uma reaplicação da regra lexical, dentro do componente sintático.

Dediquemos um pouco mais de nossa atenção ao problema da derivação morfológica.

Este é um assunto bastante complexo para uma gramática gerativa, em razão da imprevisibilidade — ao menos aparente — na escolha dos afixos derivacionais (p. ex., a escolha entre **-ção** e **-mento** para se obter nomes derivados de verbos). A complexidade do assunto limita os teóricos gerativos, ao menos por ora, a um mero arranjo taxonômico dos dados (cf. Chomsky, op. cit.: 192). É nesta linha que está, por exemplo, Chapin (1970), onde se faz uma listagem de problemas interessantes a serem considerados por um estudo qualquer que pretenda ultrapassar a mera taxonomia.

A teoria, contudo, precisa de informação sobre a estrutura interna das palavras, quer para dar conta da competência do falante para criar e interpretar palavras novas, quer para o funcionamento de outras partes da gramática.

Neste segundo caso, a teoria tem sido obrigada — à falta de estudos explícitos da derivação lexical — a trabalhar assumindo “a priori” este tipo de informação. É o que ocorre, por exemplo, na seguinte afirmação em Chomsky & Halle (1968:33): “The word **theatrical**... is CLEARLY DERIVED from **theater**...”. O destaque de CLEARLY DERIVED é meu e a pergunta é: como incorporar à gramática este “a priori”, i.e., que condições devem ser definidas para se saber quando uma palavra é claramente derivada de outra.

Muitos aspectos do estudo dos padrões de acento em inglês, em Chomsky & Halle (op. cit.: 29 e seg.), envolvem informação morfológica (estrutura interna da palavra): a colocação do acento em certas palavras supõe que se especifique a sua estrutura interna para permitir que a aplicação cíclica das regras produza os resultados corretos. Outra vez, resta saber quais os critérios explícitos de especificação de estrutura interna de palavras.

Em Hooper (1973:72), discutem-se os processos morfológicos em termos de processos produtivos e não produtivos, tirando — como consequência desta distinção — a conclusão de que as palavras obtidas por processos produtivos não serão listadas no léxico. Assumem-se, portanto, que tais processos sejam explicitado em algum ponto da gramática, sem o que não é possível saber que palavras são ou não incluídas no léxico.

Em síntese, o problema básico — no assunto derivação lexical —

parece ser explicitar os recursos de engendramento e descrição estrutural de palavras.

Vejamos, agora, algo a respeito do Auxiliar.

A presença do Auxiliar na estrutura profunda correspondente a uma estrutura superficial com nominal pode ser justificada pelo caráter facultativo que primeiro se tentou atribuir à transformação de nominalização. Esta facultatividade emergiu da intenção de se incorporar ao modelo gramatical a sinonímia frasal presente em

(15) Ele confirmou que os meninos virão

(16) Ele confirmou a vinda dos meninos
por meio duma única estrutura profunda, da qual se obteria (15) ou (16), dependendo da aplicação ou não da regra que nominalizaria sentenças encaixadas. No caso de a regra ser aplicada, o Auxiliar deveria ser apagado por não ter realização de superfície em frases nominais. A não realização superficial do Auxiliar não implica, contudo, sua não ocorrência na estrutura profunda. Parece necessário prever tal ocorrência para se poder justificar a ambigüidade de (16), frase que pode corresponder, numa leitura semântica, a (15) e, em outra, a

(17) Ele confirmou que os meninos vieram.

Julho/78

1. A respeito do título **Nominalização**, comentários mais detalhados na nota 7.

Embora esteja concentrada a atenção sobre os nominais dos exemplos como (1) e (2), é importante ressaltar que há outros casos envolvidos sob o título **Nominalização**. Dentre estes, as estruturas que contêm nominais de agente como **inventor em o inventor da roda**; e de resultado como **invento em o invento de João**. Ver, a respeito destes tipos de estrutura, Lakoff (1970, cap. 5, itens 5.2 e 5.13; e cap. 6, itens 6.41-5) e McCawley (1968a: 267 e seg.).

Igualmente excluo estruturas contendo nominais relacionados com adjetivos (**crueidade em a crueldade de João**; a **valentia em a valentia do coronel**).

Na nota 3 faz-se referência a um outro caso excluído de consideração aqui.

2. A caracterização que está a seguir é bastante informal, porque estou apenas delineando o problema das estruturas sob análise, fazendo-o com traços bastante gerais: dou características informais para — a partir delas — poder trabalhar mais acuradamente no decorrer do texto.

Quando a seguir no texto falo em **relação**, o termo está empregado num sentido amplo equivalente intuitivamente a **vinculação**, **ligação**. Ao apresentar certas relações em termos de **agente/ação**, **ação/paciente**, faço-o também informalmente: primeiro, porque os termos **ação**, **agente**, **paciente** não têm conceito explícito em lingüística; e, segundo, porque está me interessando destacar o fato de haver um tipo qualquer de relação entre os constituintes de uma estrutura, sem especificar cada tipo de relação em particular.

As abreviaturas que estão no texto, a seguir, devem ser assim entendidas: Art. — artigo; N — nome; FN — frase nominal; S — sentença.

Chamarei de nominal ao nome relacionado morfológicamente com outra palavra (com um verbo, no caso específico deste estudo).

3. É importante destacar que os nominais em relevo aqui são os **nominais de ação**, assim chamados pelo fato de serem (como seus parentes verbais) referentes duma **ação**. E aqui chegamos a um limite de explicitação: não existe, em lingüística, nenhum conceito satisfatório de ação. Isto nos obriga a apelar a nossas intuições, visando a deixar claro — no limite do possível — quais estruturas estão sendo enfocadas. Com o objetivo de avivar nossa intuição, ponho em confronto uma estrutura com um **nominal de ação** e outra com um **nominal de sentimento**, este também relacionado com um verbo, mas a estrutura que o contém é diferente daquelas exemplificadas em (1) e (2), como se pode ver a partir de (a) e (b):

(a) **O amor de João por Maria** (nos alegra)

(b) **A destruição de João por Maria** (nos alegra)

Embora a estrutura superficial de (a) e (b) seja a mesma (Art. — N — de — FN — por — FN), a relação que se pode definir entre **João** e **amor** (digamos, **João** é agente do **amor**) é diferente daquela entre **João** e **destruição** (**João**, aqui, é o paciente da **destruição**); tal como entre **Maria** e **amor** (**Maria** é o paciente do **amor**) e entre **Maria** e **destruição** (**Maria** é agente da **destruição**), fato que fica patente se compararmos duas sentenças equivalentes a (a) e (b):

(a') João ama Maria...

(b') Maria destrói João...

As estruturas com nominais de sentimento — (a), nos exemplos discutidos — estão excluídas deste estudo. A respeito delas, ver Ruwet (1967:188 e seg., especialmente p. 194, item 5.3.2.2).

4. Oração, na terminologia tradicional.

5. "Denomina-se FAMÍLIA DE PALAVRAS o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição". (Cunha, 1970:42). Nestes termos, **conhecimento** e **conhecer** pertencem à mesma família: à do radical CONHEC.

6. Uma análise em constituintes imediatos não se importava com as relações entre estruturas como (1—(2)) e (4)—(5): cada uma recebia uma descrição estrutural diferente.

Na lingüística gerativo transformacional tais relações passaram a ser relevantes: o falante as percebe; e a gramática — procurando ser um modelo da competência do falante — deverá expressá-las.

O nome **lingüística gerativo-transformacional** é, hoje, genérico demais, na medida em que sob ele coexistem diferentes posições teóricas (especialmente no que se refere à elaboração de modelos. Neste trabalho, estou assumindo a teoria mais próxima de Chomsky, cuja posição quanto à organização da gramática pode ser assim resumida:

— a gramática é um mecanismo composto de três componentes: o sintático, o semântico e o fonológico. Destes, o primeiro é o central por ter o poder de engendrar um conjunto infinito de objetos formais — cada um com sua descrição estrutural — que permitem relacionar som e significado numa língua qualquer.

O primeiro é, portanto, o componente gerativo, enquanto os outros dois são interpretativos. Vale dizer, os componentes semântico e fonológico desempenham o papel de passar as estruturas sintáticas para sistemas de representação semântica e fonética.

Estas suposições têm se mantido constantes em Chomsky, não tendo sido afetadas pelas contínuas reformulações do seu modelo (cf. Chomsky, 1965, cap. 1, item 3; —, 1967:184-5; —, 1968:183-7).

Observação terminológica: em geral, os termos técnicos presentes na discussão que se segue ('estrutura profunda', 'estrutura superficial', 'base', 'subcomponente transformacional', 'léxico', 'transformação...') são tomados como o conceito corrente nos trabalhos de lingüística gerativo-transformacional e que foram formulados em Chomsky (1965).

7. O termo **nominalização**, é tomado como designativo dum conjunto de regras do sub-componente transformacional da gramática. Este recebe — como entrada — uma estrutura profunda contendo encaixada uma seqüência dominada por S; e dá — como saída, aplicadas as regras antes mencionadas — esta mesma seqüência transformada numa estrutura nominal.

A hipótese lexicalista abandona este conjunto de regras. Com isto, ela empobrece o subcomponente transformacional (i.e., diminui-lhe o número de regras), enriquecendo, em contrapartida, o subcomponente categorial (aumenta-lhe o número de regras).

Em trabalhos lexicalistas — como Basilio (1977) — continua-se a empregar o termo **nominalização**, apenas que designando um processo morfológico e, não, um conjunto de regras do subcomponente transformacional.

8. Além dos nominais derivados de verbos como **vinda** e **destruição**, Lees estuda outros nominais derivados de verbos (**inventor**); nomes derivados de adjetivos (**cons-tância**) e nomes compostos (**beija-flor**).

9. As relações sintáticas, no caso, são as que definem funções como **sujeito**, **objeto**, ..., funções estas que terão formulação mais explícita para a teoria em Chomsky (1965, cap. 2).

10. A respeito de transformações generalizadas, ver Chomsky (1957:72 e seg.); — (1962:229 e seg.); a propósito do problema da interpretação semântica das estruturas obtidas via estas transformações, ver Katz & Postal (1964:12 e 48-53).

11. Nesta formulação exemplificativa, estou assumindo que a transformação de nominalização é facultativa. Em Chomsky (1965:235, n. 40), sugere-se que o indicador sintagmático de base já contenha, na S encaixada, o morfema de nominalização (NML). Neste caso, a transformação seria obrigatória.

12. Em Chomsky (1967:188), vai se procurar mostrar que, de fato, o processo não é assim regu-lar em inglês, o que se toma como um dos argumentos para a elaboração da hipótese alternativa.

Almeida, Napoleão Mendes de. 1967. **Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa**. 20. ed. S. Paulo, Saraiva.

Basilio, Margarida Maria de Paula. 1977. **Aspects of the Structure of the Lexicon: Evidence from Portuguese**. Dissertação de doutorado, Faculty of the Graduate School of the University of Texas, Austin, inédito.

Bierwisch, M. & Heidolph, K.E. (eds.) 1970. **Progress in Linguistics: A Collection of Papers**. The Hague, Mouton.

Campbell, M.A. et alii (eds.) 1970. **Papers from the Sixth Regional Meeting, Chicago Linguistic Society**. Chicago, Chicago Linguistic Society.

Chapin, Paul G. 1970. "On Affixation in English". In: Bierwisch & Heidolph (eds.): 51-63.

Chomsky, Noam. 1957. **Syntactic Structures**. The Hague, Mouton.

———. 1962. "A Transformational Approach to Syntax". In: Fodor & Katz (eds.): 211-45.

———. 1965. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge (Mass.), The MIT Press.

———. 1967. "Remarks on Nominalization". In: Jacobs & Rosenbaum (eds.): 184-221.

———. 1968. "Deep Structure, Surface Structure, and Semantic Interpretation". In: Steinberg & Jakobovits (eds.): 183-216.

——— & Halle, M. 1968. **The Sound Pattern of English**. New York, Harper & Row.

Cunha, Celso. 1970. **Gramática Moderna**. Belo Horizonte, Bernardo Álvares.

- Fodor, J.A. & Katz, J.J. (eds.) 1964. *The Structure of Language: Readings in the Philosophy of Language*. Englewoods Cliffs, Prentice-Hall.
- Fraser, Bruce. 1970. "Some Remarks on the Action Nominalization in English". In: Jacobs & Rosenbaum (eds.): 83-98.
- Hooper, Joan B. 1973. *Aspects of Natural Generative Phonology*. Dissertação de doutoramento, University of California, Los Angeles.
- Jacobs, R.A. & Rosenbaum, P.S. (eds.) 1970. *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham (Mass.), Ginn.
- Jaspersen, Otto. 1924. *The Philosophy of Grammar*. Trad. francesa: Paris, Les Éditions de Minuit, 1971.
- Katz, J.J. & Postal, P.M. 1964. *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*. Cambridge (Mass.), The MIT Press.
- Lakoff, George. 1970. *Irregularity in Syntax*. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- Lees, Robert B. 1960. *The Grammar of English Nominalizations*. The Hague, Mouton.
- Lima, C.H. Rocha. 1972. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* 15. ed. ref. Rio, José Olympio.
- Lyons, John 1968. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge (Eng.) Cambridge University Press.
- McCawley, James D. — 1968. "Lexical Insertion in a Transformational Grammar Without Deep Structure". Trad. espanhola: Sánchez de Zavala (comp.): 259-75.
- Newmeyer, Frederick J. 1970. "The Derivation of the English Action Nominalization". In: Campbell et alii (eds.): 408-15.
- Ruwet, Nicolas. 1967. *Introduction à la Grammaire Générative*. Trad. portuguesa: S. Paulo, Perspectiva, 1975.
- Sánchez de Zavala, Victor (comp.) 1974. *Semántica y Sintaxis en la Lingüística Transformatoria, I: Comienzos y Centro de la Polêmica*. Madrid, Alianza.
- Steinberg, D.D. & Jakobovits, L.A. (eds.). 1971. *Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*. Cambridge (Eng.), Cambridge University Press.
- Torres, Artur de Almeida. 1961. *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*, 20. ed. rev. e amp. Rio, Fundo de Cultura.
- Votre, Sebastião Jorúé. 1974. *Substantivos Derivados de Bases Verbais: Abordagem Transformacional*. Dissertação de Mestrado, PUC-RS, Porto Alegre, inédito.

SUMMARY

This paper is a presentation of some problems related to the description of some Portuguese nominalized NPs. Based on the data, some generative models to treat the phenomena are discussed.

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns problemas relacionados com a descrição de algumas estruturas nominalizadas do português. Com base nos dados coletados, discutem-se alguns modelos gerativos que tratam do problema.